



UMA EPOPEIA GELADA: A BATALHA DA LOUÇA NO INVERNO

Era uma manhã de inverno, daquelas em que o vento parece sussurrar maldade no ouvido de quem ousa sair debaixo das cobertas. A louça da noite anterior me olhava da pia com um ar de superioridade. Os pratos empilhados pareciam dizer: “Vai, coragem!”. Mas lá fora o termômetro insistia em me lembrar que qualquer atividade envolvendo água seria uma prova de resistência.

“Não pode ser tão ruim assim”, pensei, com a coragem de quem nunca lavou uma colher no inverno. Abri a torneira, e a água saiu com a frieza de uma alma sem compaixão. Era como se o Ártico tivesse decidido fazer uma visita à tubulação da minha casa. O toque da água gelada foi um choque imediato. Senti a alma sair do corpo por um segundo; deu até pra ver o Espírito Santo dando tchau.

A estratégia era simples: uma mão no sabão e a outra tentando segurar o copo com o cuidado de quem manuseia um cubo de gelo. E o frio nas mãos? Elas não sentiam mais nada depois de cinco minutos. O prato escorregava, a água voava e, em questão de segundos, eu estava ensopada até os tornozelos. “Pra que tomar banho se posso lavar a louça?”, pensei, tentando manter o humor intacto.

O momento mais tenso era quando a esponja encharcada precisava apertar aquela panela com restos de macarrão do jantar. O fundo grudado exigia uma pressão que, claramente, minhas mãos dormentes não estavam preparadas para exercer. Nessa altura, eu já estava questionando as decisões da vida. Afinal, será que não era hora de investir em uma lava-louças?

Finalmente, a missão terminou. As mãos, agora parecidas com blocos de gelo, mal seguravam o pano de prato. Olhei para a pia vazia com orgulho. Fechei a torneira com a nobreza de quem encerra uma grande epopeia e, de volta ao calor das cobertas, decidi: amanhã é só pizza. E, com toda certeza, será no prato descartável!

Maria Julia Rothenbach

1º ano / Balneário Camboriú

2024